

CRIAÇÃO DO MUSEU DO INSTITUTO DE QUÍMICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

JENIFFER CUTY, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

Doutora em Planejamento Urbano e Regional, Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Associada da UFRGS, lotada no Departamento de Ciências da Informação, atuando no Curso de Museologia. Realiza pesquisa pós-doutoral junto ao Museu do Instituto de Química da UFRGS, em 2022.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9163-2358>

E-mail: jcuty@ufrgs.br

HENRI STEPHAN SCHREKKER, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

Doutor em Química pela Vrije Universiteit (Amsterdam, Países Baixos). Professor Associado da UFRGS, lotado no Departamento de Química Orgânica. Desde 2019, é diretor do Museu do Instituto de Química da UFRGS.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8173-3841>

E-mail: henri.schrekker@ufrgs.br

(continua...)

CRIAÇÃO DO MUSEU DO INSTITUTO DE QUÍMICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

(continuação)

MÁRCIA REGINA BERTOTTO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL,
PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

Doutora em Museologia e Mestre em Ciências Sociais. Professora Adjunta da UFRGS no Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, como docente no Curso de Bacharelado em Museologia e no Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1366-870X>

E-mail: marcia.bertotto@ufrgs.br

DOI

<http://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v17i33p122-141>

RECEBIDO

29/07/2020

APROVADO

31/05/2022

CRIAÇÃO DO MUSEU DO INSTITUTO DE QUÍMICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

JENIFFER CUTY, HENRI STEPHAN SCHREKKER, MÁRCIA REGINA BERTOTTO

RESUMO

Este artigo aborda a criação do Museu do Instituto de Química (MIQ) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), propondo a problematização acerca dos desafios institucionais e do âmbito coletivo e social de implementação de um museu. Apresentamos a trajetória de trabalho multidisciplinar nesta constituição, que envolve docentes, técnicos e discentes dos cursos de Química, Museologia, Arquivologia, História e Publicidade e Propaganda. Contamos com a adesão de profissionais do patrimônio, parceria que está se constituindo nas ações firmadas por sua direção. Debateremos a eficácia da Rede de Museus e Acervos da UFRGS no apoio técnico e político, bem como propomos uma reflexão sobre o papel do MIQ em tempos de pandemia e crise multidimensional no Brasil. Operamos com conceitos centrais da Museologia, da Gestão de Museus, da teoria simmeliana relativa à crise e ao conflito em grupos sociais, da noção de “necropolítica” e de aproximações às noções de ethos do campo de conhecimento em questão e de suas linguagens específicas.

PALAVRAS-CHAVE

Acervo museológico, Museus de ciência e tecnologia, Patrimônio universitário, Museus universitários.

CREATION OF UFRGS' CHEMISTRY INSTITUTE MUSEUM

JENIFFER CUTY, HENRI STEPHAN SCHREKKER, MÁRCIA REGINA BERTOTTO

ABSTRACT

This paper addresses the creation of the Chemistry Institute Museum (MIQ) of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), problematizing the institutional, collective, and social challenges regarding the implementation of a museum. It presents the trajectory of multidisciplinary work within this constitution, involving faculty, technicians and students from the chemistry, museology, archival science, history and marketing courses, and counting on the participation of heritage professionals, a partnership built on the actions supported by its direction. The text discusses the effectiveness of the UFRGS Museum and Archive Network in providing technical and political support, and discusses MIQ's role in times of pandemic and multidimensional crisis in Brazil. Central concepts of museology, museum management, Simmel's theory of crisis and conflict in social groups, Mbembe's necropolitics and approaches to the notion of ethos in museology and their specific languages forms its theoretical framework.

KEYWORDS

Museological collection, Science and technology museums, University heritage, University museums.

1 INTRODUÇÃO

Ainda que seu ofício seja mais recente que o dos teólogos, dos enólogos ou dos pescadores, também os químicos, desde suas origens, sentiram a necessidade de ter uma linguagem específica. Todavia, ao contrário das outras linguagens profissionais, a dos químicos teve de se adaptar a [...] indicar com precisão, e possivelmente descrever, mais de um milhão de objetos distintos, já que são dessa magnitude (e crescem a cada ano) os compostos químicos desenterrados na natureza ou construídos por síntese.

Levi (2016, p. 12)

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul tem se destacado como uma das melhores do Brasil. Recentemente, foi reconhecida como a segunda melhor universidade federal do país, de acordo com o ranking *The Center for World University Ranking (CWUR) 2020-2021*¹. Os dados para esta avaliação analisam, entre outros, a *performance* de pesquisa, que nos interessa diretamente neste artigo, ao abordarmos um museu que inicia sua trajetória, a partir de laboratórios de pesquisa e sobre acervo museológico e documental composto por materiais e equipamentos que também foram utilizados em sala de aula.

A UFRGS conta com uma Rede de Museus e Acervos Museológicos (Remam), constituída, inicialmente por um projeto de extensão coordenado por docentes do curso de Museologia, em 2010, e, em seguida, por demanda da reitoria, passou a ser gestado pelo Museu da UFRGS, em 2011. A Remam congrega as diversas tipologias de acervos, como: artísticos, documentais, científicos, tecnológicos, históricos e naturais. Faz parte desta rede o recentemente criado, Museu do Instituto de Química (MIQ), que tem sido desenvolvido com o apoio de profissionais de vários campos do conhecimento.

O objetivo deste artigo é historiar a constituição do MIQ, refletindo sobre sua criação num ambiente de ensino e pesquisa. A problemática da construção de um espaço museológico leva em consideração os desafios e os obstáculos para a implantação do museu em uma grande instituição, no caso, a terceira maior universidade pública do país, relevando sobre seus procedimentos, suas compreensões e incompreensões. Destacamos, ainda, as etapas de constituição e os próximos passos para sua consolidação,

1. Disponível em: <https://cwur.org/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

sem perder de vista os cortes significativos de recursos à educação, à pesquisa e à cultura no Brasil. Identificamos a missão cidadã em refletir sobre a implantação de um museu universitário em um período de negação da importância primordial da produção científica no país, do desmonte da educação inserido em um contexto de crise multidimensional, que se soma à pandemia da covid-19. Utilizaremos este relato de experiência como base para a metodologia de análise de documentos primários e secundários, bem como a reflexão sobre experiências de pesquisa, extensão e gestão na universidade nesta segunda década do século XXI.

A construção de um museu não se faz somente com parceiros internos, mas com o apoio da sociedade e com a participação coletiva, que também será tema deste artigo, ao abordarmos como se comporta o profissional da Química e como se dão estas inter-relações de campo, ou seja, o *ethos* desta área. Mais do que isso, enfrentamos uma crise que pode ser refletida na interface museus e crises, considerando o conceito cunhado por Georg Simmel.

2 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO MUSEU DO INSTITUTO DE QUÍMICA

A criação da Remam, em 2011, teve como intuito preservar, valorizar e difundir o patrimônio histórico, científico e cultural da UFRGS. Atualmente, 31 acervos fazem parte da rede², mantidos pelas unidades da universidade – cada um com suas peculiaridades, muitos dos quais constituídos como projetos de extensão, que desenvolvem ações museológicas e educativas. A rede, como destaca Cuty (2010, p. 223) “tem como foco de mobilização fortalecer as ações de ensino, pesquisa e extensão próprias de cada espaço museal, viabilizando a interação entre os participantes, propiciando autonomia e visibilidade a esses museus”. As dificuldades que os espaços de guarda e preservação sofrem se relacionam com falta de recursos, de apoio institucional, de pessoal qualificado, bem como, na linha do excerto acima, de visibilidade de suas ações e de sua relevância.

Cabem algumas reflexões acerca da proposição de museus no âmbito da universidade. Inicialmente, nesta trajetória de 14 anos de curso de Museologia, identificamos, por meio de estudos, a iniciativa – especialmente –

2. Informações sobre a Remam em: <https://www.ufrgs.br/remam/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

de servidores docentes na tarefa de guarda e organização de objetos significativos de suas áreas de atuação. Nem sempre estes professores contam e contaram com o apoio de seus pares, porém, seguem em uma missão mais ampla, de abrangência social e científica. O intercâmbio entre objetos e documentos das áreas, para outras universidades, é comum nas Ciências Exatas e da Terra. No campo da Botânica, por exemplo, há uma prática comum de pesquisadores passarem um período de pós-doutoramento dentro de um herbário, identificando a classificação e sistematização mais adequada de exsicatas, segundo suas pesquisas. Isso gera uma alteração na localização de objetos musealizados, porém, este movimento é parte do *ethos* da área.

Como indicamos na epígrafe do artigo, a Química é um campo do conhecimento em constante transformação e com suas peculiaridades de linguagem e de apropriação do mundo. Se a Química nos permite descrever com rigor a composição, a estrutura e as propriedades de matéria, esse mesmo rigor deve estar presente em um museu que se proponha reunir e comunicar o que a área representa em sua complexidade intrínseca – na UFRGS – e extrínseca, no âmbito nacional e internacional. O Instituto de Química (IQ) da UFRGS é uma das primeiras unidades desta universidade e tem reconhecimento internacional. Em 2019, os cursos de Química Industrial e Bacharelado em Química do IQ foram reconhecidos pela Royal Society of Chemistry, a mais prestigiada organização da área no mundo. Além disso, seu Programa de Pós-Graduação recebeu conceito 7 nas últimas avaliações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), posicionando-o como um dos melhores programas de pós-graduação em química do Brasil.

Um dos mais jovens espaços de guarda, preservação e pesquisa na UFRGS é o MIQ, que se localiza no Campus Vale³ e conta com um acervo composto por 177 peças arroladas de tipologias diversas, entre elas quadros de formatura em madeira entalhada, condecorações, equipamentos, vidraria, reagentes, iconografia e fundo documental. O museu foi criado em 2017, tendo como missão preservar a história do IQ, organizando e

3. A Universidade conta com 28 unidades acadêmicas distribuídas nos *campi*: Centro, Saúde, Olímpico, Vale, Litoral (na cidade de Tramandai) e uma Estação Experimental, no município de Eldorado do Sul.

mantendo seus acervos tridimensional, histórico e arquivístico em interação com a sociedade.

Considerando o conceito do Estatuto de Museus, para o qual museus são

as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009).

Pensamos na relação com a sociedade, na multidisciplinaridade e no desenvolvimento da pesquisa como norteadores da organização do MIQ. Ainda não foram musealizados experimentos, mas há um indicativo, nesse sentido, de proposição de interação e acesso à ciência por meio desses recursos educacionais.

A criação do museu se deve, em grande parte, ao apoio que o IQ dispensou quando de sua concepção. Para organizar o museu, a coordenação foi apoiada e efetivada com a colaboração de professores, técnicos e alunos, inclusive egressos e aposentados.

Entre seus objetivos, estão: a coleta, organização e acondicionamento do acervo; a pesquisa científica e de extensão; a socialização de informações sobre os acervos por meio de exposições e outros meios de difusão; e as atividades de conservação e gestão do acervo. Os primeiros passos para a concretização destes objetivos foram dados em 2019, com o delineamento do Regimento Interno⁴ e a criação e constituição da Comissão de Acervos (Portaria 12/2019).

3 A PARTICIPAÇÃO COLETIVA

A implementação do MIQ foi aprovada pelo Conselho do Instituto de Química, em 2017. Desde então, o MIQ está desenvolvendo várias atividades para a sua implantação. Esse processo conta com o apoio de vários especialistas de diferentes setores da UFRGS, incluindo a Remam, o Museu da UFRGS, o Museu de Paleontologia, a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico),

4. Disponível em: www.iq.ufrgs.br/museudoinstitutodequimica. Acesso em: 20 jun. 2022.

a Divisão de Documentação, o Arquivo Central, o Clube de Criação Caixola⁵, servidores ativos e aposentados do IQ e alumni da UFRGS. O Caixola tornou-se um parceiro essencial na criação de vários objetos para o MIQ, incluindo o desenvolvimento da sua identidade visual (Figura 1).

FIGURA 1

Identidade visual do Museu do Instituto de Química. Fonte: Caixola, Clube de Criação da Fabico, UFRGS (2018).



Essa participação coletiva surgiu, principalmente, após a organização do Simpósio Nanotecnologia para a Conservação e Restauração do Patrimônio Cultural (Nanorestart), que aconteceu na UFRGS entre os dias 9 e 10 de novembro de 2017. Neste simpósio, organizado pelo Instituto de Química, pelo Museu da UFRGS e pelo Instituto de Artes, foram abordadas técnicas de conservação e restauração de obras de arte, promovendo a transferência do conhecimento para o uso de nanotecnologia. Esse processo foi promovido através da realização de palestras e workshops, em conjunto com *coffee breaks* e uma sessão de pôsteres para interação entre os participantes. Assim, o Instituto de Química estabeleceu contatos com especialistas de diferentes áreas de conhecimento, que foram fundamentais na formação de uma equipe complementar e multidisciplinar para a implantação do MIQ.

A ideia do Simpósio Nanorestart surgiu a partir da participação da UFRGS, com o Grupo de Pesquisa “Laboratório de Processos Tecnológicos e Catálise”, do projeto intitulado ‘NANOMateriais para a RESTauração de Obras de ARTe – NANORESTART’ (Figura 2). Esse projeto foi fomentado pela União Europeia através do Programa Horizon 2020 e reuniu centros de excelência no campo da síntese e caracterização de (nano)materiais,

5. Caixola é a agência experimental de publicidade da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.

líderes mundiais em indústrias químicas e de pequenas empresas que operam em P&D, e centros internacionais e europeus para a conservação, educação e museus, contando assim com uma equipe complementar de professores, pesquisadores e profissionais de quase 30 instituições da Europa, Estados Unidos, México e Brasil. Assim, o Projeto Nanorestart resultou em vários produtos inovadores, reconhecidos pela União Europeia, que estão sendo utilizados em museus ao redor do mundo.

FIGURA 2

Identidade visual do Projeto NANORESTART.
Fonte: acervo do Projeto Nanorestart (2017).



O Nanorestart focou no desenvolvimento de métodos eficientes para a conservação de obras de arte moderna e contemporânea, sendo de fundamental importância, pois várias obras sofrem processos de degradação extremamente rápidos e, futuramente, muitas destas obras não estarão mais acessíveis à sociedade em um tempo muito curto, deixando-nos com uma lacuna na história contemporânea. A participação da UFRGS resultou na publicação de um artigo científico na revista *Heritage Science*, intitulado “O efeito sinérgico de um sal imidazólico e benzotriazol na proteção de superfícies de bronze com revestimentos à base de quitosana”⁶. Essa pesquisa para a proteção de obras em bronze foi resultado de um trabalho em equipe entre professores e pesquisadores do Conselho Nacional de Pesquisa da Itália e da UFRGS.

Atualmente, o Laboratório de Processos Tecnológicos e Catalise da UFRGS participa do Projeto Apache, Materiais de embalagem ativos e inteligentes e vitrines como ferramenta para a conservação preventiva do patrimônio cultural (Figura 3). Igualmente como no Projeto Nanorestart, a equipe

6. “*The synergistic effect of an imidazolium salt and benzotriazole on the protection of bronze surfaces with chitosan-based coatings*”.

conta com a participação de instituições complementares, possibilitando assim uma contribuição efetiva para uma sociedade mais sustentável.

FIGURA 3

Identidade visual do Projeto APACHE. Fonte: acervo do Projeto Apache (2019).



Uma questão particular do MIQ foi a criação da sua Comissão de Acervo, antes da elaboração de um regimento interno. Assim, o MIQ encontrou uma forma de reunir a expertise das mais diversas áreas e o conhecimento da história do Instituto de Química, que são essenciais para a sua implantação. Posteriormente, o regimento interno do MIQ foi elaborado pela sua Comissão de Acervo e aprovado pelo Conselho do Instituto de Química. Esse documento estabeleceu a estrutura organizacional do MIQ, sendo composto por uma Direção, um Conselho e uma Comissão de Acervo. Após a aprovação do regimento interno, três egressos da UFRGS fortaleceram a equipe existente. Um desses ex-alunos é o artista Leandro Selister, cuja empresa patrocinou o simpósio, o qual criou um desenho do antigo prédio do Instituto de Química (Figura 4). Esse prédio está localizado no Campus Centro e hoje abriga o Centro Cultural da UFRGS. Doado ao MIQ, este desenho foi utilizado para a criação do *banner* mostrado na Figura 5. Esse *banner* foi criado pelo Caixola e está instalado em frente do acesso ao acervo do MIQ, simbolizando um importante passo para a sua inauguração no ano de 2020.

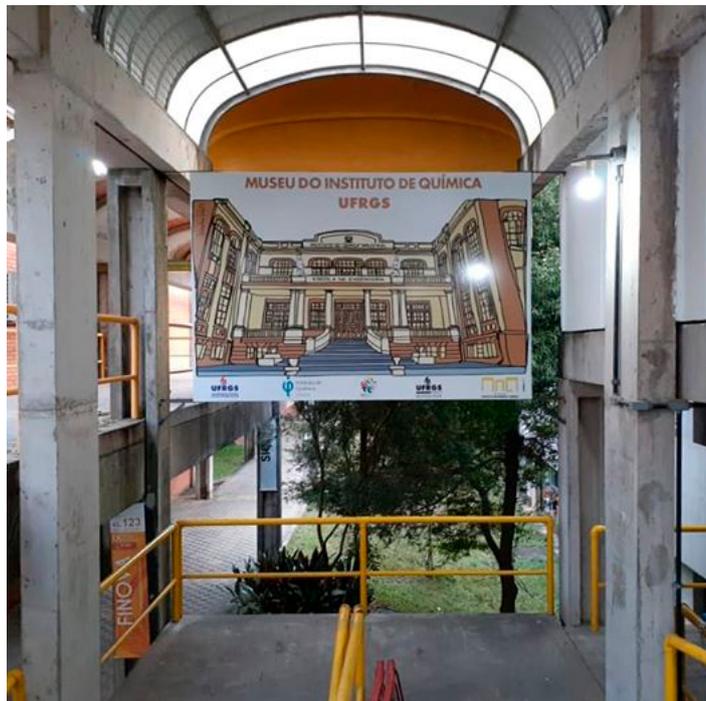
FIGURA 4

O desenho do antigo prédio do Instituto de Química, criado por Leandro Selister e doado ao MIQ. Fonte: acervo do MIQ (2020).



FIGURA 5

Banner inspirado no desenho do Leandro Selister, o qual foi elaborado pelo Caixola da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), UFRGS. Fonte: acervo do MIQ (2020).



O MIQ já fez o encaminhamento de toda a documentação para seu registro junto ao Cadastro Nacional de Museus no Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Em 2020, foram tomadas as providências para a inauguração do MIQ, e isso englobou a organização do acervo e a criação de um *site* em ambiente *web*. Estas ações necessitam de um grande empenho por parte dos envolvidos, sendo normalmente realizados com o apoio de alunos, de forma voluntária ou como bolsistas. Como o MIQ e seu acervo estão se qualificando cada vez mais, o interesse em participar das suas atividades está aumentando.

4 O ACERVO HISTÓRICO, CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

A coleção do MIQ vem sendo constituída desde as origens do Instituto de Química⁷, o que pode ser verificado na riqueza do acervo que possui: 17 quadros de formatura, sendo que 12 deles possuem estrutura em madeira entalhada; o MIQ ainda possui 110 equipamentos arrolados, destacando-se 4 balanças analíticas e outros medidores; 38 vidros compõem a coleção de vidraria; 2 desenhos doados por artistas estão inventariados na Coleção Iconografia;

7. O Instituto de Química foi uma das primeiras unidades da UFRGS e funcionou no prédio onde hoje se encontra o centro Cultural da UFRGS. Mais detalhes em: http://www.iq.ufrgs.br/iq_ufrgs/index.php/institucional/apresentacao. Acesso em: 20 jun. 2022.

e, por fim, ainda é preciso delimitar a coleção de Reagentes. As Figuras 6 e 7 mostram dois objetos musealizados que integram o acervo do MIQ.

FIGURA 6

Quadro de formatura de 1947. Fonte: J. Cuty, acervo pessoal (2019).



FIGURA 7

Balança analítica. Fonte: J. Cuty, acervo pessoal (2020).



Há um fundo documental localizado em sala específica e com documentos de valor histórico já digitalizados. Destacamos o Espectrômetro de Ressonância Magnética Nuclear VARIAN XL-200 (200 MHz), adquirido pelo IQ e utilizado de 1987 a 2016 (Figura 8), como objeto de valor científico relevante. Trata-se do RMN pioneiro instalado numa universidade brasileira, utilizado nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação. Atualmente em desuso, foi substituído por equipamentos mais modernos e de maior capacidade de resolução (300, 400 e 500 MHz).

FIGURA 8

Vista da exposição de longa duração localizada no segundo piso do Prédio 43.111. Atrás do armário, está localizado o Espectrômetro de Ressonância Magnética Nuclear VARIAN XL-200 (200 MHz), o pioneiro instalado em uma universidade brasileira. Fonte: J. Cuty, acervo pessoal (2019).



Além da identificação das seis coleções do MIQ e do fundo documental com 16 metros lineares de documentos, estamos identificando eixos temáticos a serem abordados pelo MIQ em coleções (curadoria do museu) e em exposições. Um eixo possível de curadoria, identificado em uma entrevista com a professora aposentada Ione Maluf Baibich, refere-se à atuação de mulheres na Química, como docentes e pesquisadoras. A referida professora salientou, em uma entrevista, que as docentes, em determinada época, não podiam se manifestar nas reuniões plenárias de departamento e que a figura do cientista estava associada ao homem. Cabe citar que a UFRGS possui um grupo ativo de valorização da atuação de mulheres na ciência, chamado Meninas na Ciência⁸:

O programa “Meninas na Ciência” tem como objetivo atrair meninas para as carreiras de ciência e tecnologia (C&T) e estimular mulheres que já escolheram essas carreiras a persistirem e se tornarem agentes no desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil. Este objetivo é trilhado a partir da formação de alunas e alunos de graduação para difundirem a ciência e a tecnologia por meio da astronomia, da física e da robótica em escolas públicas. Além desta função formadora na área de ciências, o projeto visa sensibilizar a comunidade acadêmica e as comunidades mais carentes sobre o papel da mulher na sociedade, contribuindo para a eliminação de estereótipos de gênero (UFRGS, 2020).

⁸ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/meninasnaciencia/o-programa>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Em sua tese, Nunes (2017) se debruça sobre as formações discursivas de professoras de Química, a fim de abrir um espaço de poder e saber a essas mulheres. Ela observa que

“O caso do IQ da UFRGS é uma exceção, a maior parte dos grupos (de pesquisa) é liderada por mulheres. [...] Das análises das narrativas das líderes de grupos de pesquisa do IQ da UFRGS para ocuparem seus lugares na pesquisa nacional [...] emergem uma sistemática busca para se desvincular do gênero” (NUNES, 2017, p. 19).

No relato da professora Ione, ela lembra de quando esteve estudando fora do Brasil no doutoramento e enfrentou não apenas resistência por ser mulher, mas por destacar que o IQ da UFRGS, no Brasil, possuía equipamentos de ponta para pesquisa.

No que se refere às questões de gestão de acervo, como documentação e conservação, cabem observações. A conservação se dedica à compreensão do comportamento dos materiais em um microambiente específico, considerando as características de temperatura, umidade relativa, níveis de iluminância, radiações e poluentes. Apesar disso, a exposição de longa duração do MIQ se encontra em espaço de fluxo de docentes e discentes, em seus gabinetes, como as salas da direção do instituto e em laboratório de pesquisa. Não dispomos até o momento de monitoramento ambiental feito por equipamentos específicos, todavia, há pontos positivos em relação à materialidade orgânica ali exposta – nos quadros de formatura em madeira entalhada, compostos ainda por vidro que protegem as fotografias – que trata da possibilidade de ventilação higiênica no espaço. As fotografias antigas não apresentam descaracterização significativa ou processos de degradação em andamento. Materiais de origem orgânica precisam respirar, sobretudo quando os objetos são compostos, como estes descritos. Os equipamentos dispostos no armário de madeira, por sua vez, necessitam de higienização e identificação mais apurada. O inventário, seguido de fotografias aprimoradas do acervo, está sendo realizado e a utilização da plataforma Tainacan⁹ para a difusão do acervo tem contribuído também para sua organização.

9. Tainacan é uma plataforma de difusão de acervos desenvolvida pela Universidade de Goiás, Universidade de Brasília em parceria com o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), que possibilita interoperabilidade entre acervos nacionais e internacionais.

O acervo do MIQ foi ampliado no ano de 2019, com uma obra de arte doada pelo artista alemão Öttjorg A. C., destacando a importância do MIQ na relação com a comunidade. Essa doação foi um gesto de gratidão do artista pela pesquisa realizada em parceria com o Laboratório de Processos Tecnológicos e Catálise. Nesse trabalho, estudou-se a qualidade da impressão da superfície de uma pilastra do Berliner Stadtschloss com azul da Prússia em papel e a estabilidade do papel após a impressão. A obra de arte doada é uma impressão de ferro e sangue em seda de uma dessas pilastras (Figuras 9 e 10).

FIGURA 9

Pilastra do Berliner Stadtschloss (Berlim, Alemanha) e a impressão da superfície em papel com azul da Prússia. Fontes: Öttjorg A. C., acervo pessoal (2019).



FIGURA 10

Doação do artista alemão Öttjorg A. C. da obra de arte de ferro e sangue em seda intitulada *Berliner Stadtschloss chega no IQ da UFRGS*. Fonte: acervo de arquivos digitais do MIQ (2019).

5 MUSEUS EM TEMPOS DE PANDEMIA E MÚLTIPLAS CRISES

Uma reflexão necessária, que perpassa a constituição de um museu enquanto centro de referência para seu campo científico, assim como o trabalho de documentação e conservação e a extroversão do acervo, está centrada no debate da crise. Segundo Simmel (2006), a noção de crise se relaciona à ruptura

dos núcleos de formação da sociedade. Por outro lado, ainda considerando a obra de Simmel, o conflito – como outro conceito – é necessário para que os grupos se transformem, avancem em seus propósitos. Por conflito, no contexto deste relato de experiência acerca de um museu universitário de ciências, verificamos o cotidiano de solicitações de apoio ao MIQ negadas ou nem mesmo analisadas. Isso nos parece presente na realidade de museus, especialmente universitários.

Anterior à crise da pandemia do novo coronavírus, as universidades públicas passaram a enfrentar cortes expressivos de recursos oriundos do Governo Federal, ultrapassando os 50% de orçamentos em anos anteriores à gestão federal em curso. Esses cortes refletiram em perda da capacidade de incentivo a pesquisadores e a pesquisas primordiais, bem como a aspectos cotidianos, como aquisição de equipamentos de proteção individual (EPI) para atividades em laboratórios.

A crise da covid-19, a doença causada pelo SARS-CoV-2, provocou a instituição de isolamento social de servidores, docentes e discentes em universidades, implantando atividades remotas. Assim, acervos que precisam ser trabalhados *in loco*, para inventário, medições e outros registros, ficaram inacessíveis neste período. Estudantes passaram a realizar pesquisas à distância, sistematizando dados e buscando novas referências em bases científicas e repositórios. Apesar disso, a questão que se coloca é relativa ao papel dos museus, neste caso, universitários, diante da crise de múltiplas dimensões que se apresenta em todos os países. Entendemos que esta resposta não está na descrição de processos de musealização revistos, mas em uma análise da sociedade que produz estes museus e que é produzida ou refletida neles.

Entendemos que uma dimensão da crise que o país enfrenta, desde as jornadas de 2013, que culminaram com o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, centra-se na identificação da barbárie naturalizada, da aporofobia¹⁰ – ou do ódio ao pobre - e da perda de valores humanos e humanizados que poderiam produzir uma sociedade no caminho da redução da desigualdade social. Museus, sim, cumprem a missão de produzir conhecimento e motivar a esta produção fora da escola e da universidade

10. Conceito cunhado pela filósofa espanhola Adela Cortina (2017).

ou, no caso de museus universitários, de aproximar a comunidade em geral à universidade, vencendo a barreira de estigma que o ambiente acadêmico carrega. Há possibilidades vislumbradas nesta relação e há poder – de educar, de fazer pensar e de produzir conhecimento – que precisa ser problematizado.

Mbembe (2018) é um leitor atento de Michel Foucault e Frantz Fanon, sendo que do primeiro autor ele retoma o conceito de biopoder compreendido como o “domínio da vida sobre o qual o poder estabeleceu o controle” (2018, p. 6). Ainda em Foucault, lemos que, para o filósofo francês, o poder não se manifesta apenas na correlação Estado e sociedade, mas em todos os tipos de relações. A narrativa expográfica em museu acessível na exposição de longa duração é um âmbito de poder entre a instituição e a sociedade.

No texto de Mbembe (2018, p. 9), a noção de soberania está lançada inicialmente, porém, ela se afirma de modo mais claro em dois momentos, sendo eles quando o autor considera soberania como:

a produção de normas gerais por um corpo (povo) composto por homens e mulheres livres e iguais. [...] A política, portanto, é definida duplamente: um projeto de autonomia e a realização de acordo em uma coletividade mediante comunicação e reconhecimento.

Essa condição da política a diferenciaria da guerra, porém, o autor alerta para a sua preocupação, com base na experiência como cidadão de um país africano e com base em sua reflexão sobre diversas situações no âmbito geopolítico, como a situação na Palestina, a Guerra no Balcãs, entre outros. Esta preocupação está situada na noção de uma “soberania cujo projeto central não é a luta pela autonomia, mas instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações” (MBEMBE, 2018, p. 1011). A noção de biopoder não dá conta dessa distinção entre os corpos, sobretudo quando eles habitam as cidades colonizadas descrita por Fanon, aquelas que têm fome de tudo. Mbembe nos traz outra noção de soberania, desta vez como ocupação “e ocupação significa relegar o colonizado a uma terceira zona, entre o estatuto de sujeito e objeto” (2018, p. 39). Eis que a imagem da distinção territorial e cotidiana imposta pelo apartheid na África do Sul, como exemplo mais evidente, ganha o primeiro plano ao leitor do ensaio de Mbembe. Os espaços da universidade podem parecer como territórios de poucos, que carregam a noção de distinção e segregação, no entanto, um museu universitário

subverte esta assertiva, colocando-se com uma missão coletiva e social desde suas primeiras ações.

Pensar sobre âmbitos das pesquisas de ponta, desenvolvidas pelas universidades, em linguagem acessível ao público em geral é um ato solidário que museus universitários realizam. Questionar como determinada teoria ou fórmula se relaciona com o cotidiano, ou seja, com a realidade de pessoas que não necessariamente possuem vínculos com a universidade, é promover deslocamentos epistemológicos e superar barreiras simbólicas dos grupos sociais extramuros da universidade com o contexto acadêmico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É desta digressão conceitual que podemos nos arriscar a respostas possíveis sobre qual o papel de um museu universitário, no caso do Instituto de Química da UFRGS, diante de uma crise de muitas faces. Popularizar as formas de ser um químico e de fazer pesquisa em Química é uma delas, com toda a responsabilidade teórica que esta tarefa possa implicar. Mais ainda, motivar as pessoas da comunidade de forma que se encantem pelo ofício do químico e suas múltiplas áreas de atuação.

Diante da sensibilização ao “ser químico”, de carona, deparamo-nos com o que consideramos central nesta tarefa de constituição de um museu, que é a desnaturalização de processos que nos desumanizam, que nos tornam alheios às mazelas que nos cercam e, mais ainda, que nos limitam aos nossos próprios desejos, ignorando nossas responsabilidades como atores sociais. Repensar valores humanos por meio do diálogo com objetos dispostos em curadoria, em temas atuais, é um ganho que apenas os museus, no sentido lato, nos possibilitam.

A participação da comunidade acadêmica, do corpo docente e discente e de parceiros da sociedade é importante ao fazer museológico. Estudantes envolvidos em projetos de extensão e pesquisa, para além de organizar um museu especializado e com poucos representantes da temática Química no Brasil, colaboram para a disseminação da informação e, conseqüentemente, da ampliação do conhecimento. O MIQ desenhará também a história da Química e da UFRGS.

Atuar, de modo solidário, pela consolidação de um museu universitário, é um ato de resistência diante da política de desmonte da

educação. Mais do que isto, é um processo de construção de corresponsabilidades sobre o patrimônio científico, nos âmbitos material e imaterial.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, seção 1, Brasília, DF, p.1, 15 jan. 2009.

CORTINA, Adela. *Aporofobia, el rechazo ao pobre: um desafio para la democracia*. Barcelona: Paidós, 2017.

CUTY, Jeniffer. Museus universitários em rede: do ethos de saberes ao habitus de compartilhar conhecimento com a sociedade. In: SEMINARIO DE INVESTIGACIÓN EN MUSEOLOGÍA DE LOS PAÍSES DE LENGUA PORTUGUESA Y ESPAÑOLA, 2., 2010, Buenos Aires. Anais [...]. Buenos Aires: ICOM, 2010. p. 221-230.

LEVI, Primo. *O ofício alheio*. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte*. São Paulo: n1, 2018.

NUNES, Paula. *Um ato de poder: narrativas das mulheres da química sobre suas experiências*. 2017. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

